

Mário Garnero

Lúcio Costa, urbanista e escritor, parceiro de Oscar Niemeyer na construção de Brasília, nos ensina, em recente entrevista, uma grande lição: a de que o Brasil é, no mínimo, do tamanho do abismo. Logo, o Brasil não cabe no abismo, nem caberá, a não ser que, em um futuro povoado de estupidez, a bobagem do separatismo prospere, e esboroe a unidade deste magnífico território continental.

Do alto dos seus 90 anos de idade, que completou anteontem, e armado de inabalável confiança, Lúcio Costa lembra que, menino, nos idos de 1906, já ouvia previsões apocalípticas de que o País estava à beira do desastre.

Como se vê, os problemas são antigos. Cresceram, é claro, na medida do crescimento populacional do País. O número de marginalizados da economia, por exemplo, é hoje avaliado em mais de 55 milhões de brasileiros — um mercado

interno desperdiçado superior à soma das populações de Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile.

Mas nunca o Brasil viveu, como agora, um momento do qual se pudesse dizer: estamos no rumo certo. Em minhas frequentes viagens ao exterior, tenho conversado com empresários dos mais diferentes países. Sinto que, de novo, o Brasil começa a ser olhado com respeito. Estou certo de que, a se confirmarem os sinais de estabilidade (a inflação contida em patamares toleráveis), modernização e abertura da economia, o sucesso do Brasil será grande. Muito grande.

Pela primeira vez, em muitos anos, estamos vendo reacender o interesse do investidor estrangeiro. Uma curiosidade pelos rumos dos negócios no Brasil que, segundo o presidente do Banco Central, Francisco Gros, chega a surpreender. Os acordos com o Fundo Monetário Internacional e com o Clube de Paris certamente contribuem mais ainda para esse clima.

Os quase 50 bilhões de dólares brasileiros que haviam emigrado para outras paisagens começam a voltar. As grandes Bolsas de Valores vivem momentos de euforia.

O governo do presidente Collor está conseguindo implementar, com êxito, uma política de preços liberal. A economia de mercado deslancha.

Por fim, o programa de privatização, reclamado a tantos anos, começa a caminhar. Com alguns tropeços, mas caminha.

Uma rápida olhada nas páginas de nossa História mostra-nos que tivemos, nos últimos 90 anos, nada menos de 29 governos — aí incluindo-se os tempos de juntas militares e o próprio presidente Collor —, além de um número razoável de crises pequenas e médias.

Quase um século, portanto, e o Brasil resiste. Inteiro.

■ **Mário Garnero é empresário**